

DE VILA A PATRIMÔNIO HISTÓRICO: A CIDADE DE GOIÁS E AS REPRESENTAÇÕES DA MEMÓRIA HISTÓRICA INDÍGENA E AFRICANA

Fernanda Oliveira de Almeida¹

Poliene Bicalho Soares²

¹ Acadêmica do Curso de História. PIBID. Universidade Estadual de Goiás. Campus Anápolis de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas. E-mail: fernanda_olyveiralmeida@hotmail.com

² Docente do curso de História, Universidade Estadual de Goiás. Campus Anápolis de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas. E-mail: poliene.soares@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Cidade de Goiás é testemunha da ocupação e da colonização do Brasil Central nos séculos XVIII e XIX. As origens da cidade estão intimamente ligadas à história das bandeiras que partiram, principalmente de São Paulo, para explorar o interior do território brasileiro. O conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico do centro histórico de Goiás foi tombado pelo Iphan em 1978 e o reconhecimento da antiga capital como Patrimônio Mundial ocorreu em 16 de dezembro de 2001 (Portal Iphan).

Desta forma, a origem da Cidade de Goiás está relativamente ligada ao ciclo das bandeiras, cujas expedições formadas por paulistas exploraram os sertões do Brasil em busca de ouro, pedras preciosas e indígenas escravizados. A região foi percorrida por Dias Pais e Bartolomeu Bueno da Silva, que encontraram ouro em Cuiabá e no rio Vermelho; em seguida, o filho de Bartolomeu Bueno foi nomeado superintendente das minas da região, iniciando, assim, sua colonização efetiva. Já em 1727 foi fundado, no local da atual Cidade de Goiás, um povoado onde, em 1729, foi erguida uma capela, que deu lugar à formação de um distrito e de uma freguesia. E assim surgiu Santana de Goiás.

Deste modo, em 1736, através de Carta Régia, a freguesia foi elevada à condição de vila, que recebeu o nome de Vila Boa de Goiás, mas a instalação só ocorreu em 1739; logo, em 1744 tornou-se a sede da Capitania de Goiás, sendo governada por dom Marcos de Noronha. Porém, nesta década, a oferta de ouro das minas começou a se

exaurir e, embora continuasse sendo a capital, a Vila entrou em um longo período de estagnação. A população se ruralizou e, no fim do século XIX, chegou a decrescer. Assim, em 1937 perdeu o posto de capital do Estado, condição assumida por Goiânia, a nova sede do governo.

Desta maneira, nos anos 1950, o IPHAN tombou alguns de seus principais monumentos e algumas seções do Centro Histórico. No entanto, a poetisa local Cora Coralina, nesta mesma época, iniciava uma obra (*Cântico da Volta*) que a tornaria reconhecida em todo o Brasil, onde colocava a cidade, suas memórias, tradições e seu patrimônio em posição exaltada, desempenhando um papel determinante no reconhecimento da cidade como um patrimônio digno de ser conservado e prestigiado. Daí por diante foram empreendidas várias ações de resgate da memória local.

Diante disto, este projeto abordará especificamente o tombamento da cidade de Goiás relacionado à representação ou não do indígena e do negro africano neste plano. Considerando que os mesmos foram/estão representados de alguma maneira, o problema será o de compreender e analisar a trajetória e a importância legada a estes povos nos projetos que deram lugar ao tombamento e ao reconhecimento da antiga Vila como Patrimônio Mundial.

Logo, o recorte temporal escolhido é o de 1930-1978, que se justifica devido ao fato de que, nesse período, houve a construção da imagem da cidade histórica; de um lado, na década de 1930, a construção da nova capital planejada – Goiânia, que produziu mudanças nas relações sociais entre os moradores vilaboenses; por outro lado, a secretaria do Instituto Histórico e Artístico Nacional (Iphan) promoveu, em duas fases, tombamentos dos bens histórico-culturais da Cidade de Goiás.

O recorte espacial permeará as Cidades de Goiás e Pirenópolis, com o intuito de propor uma abordagem comparativa a partir dos projetos de tombamento das duas cidades e, assim, observar como e se os indígenas e os africanos escravizados estão (ou não) representados na memória dos lugares das duas cidades históricas.

O objetivo deste trabalho será especificar a condição da Cidade de Goiás, de sede política para cidade histórica, ao analisar os conceitos de preservação e de

patrimônio histórico-cultural, aferindo-se, assim, neste processo, a imagem do indígena e do africano; pois, anteriormente às intensificadas investidas bandeirantes no território goiano, estes já há habitavam, de modo que a participação destes atores sociais ocorreu de forma intensa na história goiana, durante os séculos XVIII e XIX. Além disso, conseqüentemente, o movimento cultural que floresceu no Estado agregou tanto tradições indígenas quanto africanos, ou seja, resultando numa herança cultural notória os dias de hoje (religiosidade, culinária, língua, dança etc), que certamente contribuiu para a elevação da cidade à condição de patrimônio histórico.

Por este viés, a pesquisa abrangerá as seguintes questões: como a cidade de Goiás adquiriu a imagem de centro histórico; que imagens foram criadas acerca da Cidade de Goiás e de Pirenópolis, conseqüentemente, para o indígena e negro africano; e, por fim, se estas imagens criadas podem ter influenciado na formação da cidade histórica (GOMIDE, 1999).

A importância deste tema será percebida à medida que for descrita a trajetória da formação da cidade histórica a partir da transferência da capital. Além de tentar desvendar as impressões de quem ficou na cidade, a propor uma nova abordagem sobre o assunto, poderá contribuir também para a compreensão do processo que conduziu a Cidade de Goiás a candidata a patrimônio histórico da humanidade, sobre a qual farei uma análise histórica do período proposto, tendo como base a cidade e as nuances de sua trajetória de vila a patrimônio histórico.

Para o desenvolvimento do presente projeto foram utilizadas pesquisas bibliográficas baseadas em publicações científicas (jornais, revistas e artigos), livros, dissertações e arquivos do Iphan. Deste modo, foram abordados alguns autores, devido à importância dos mesmos para pensar os conceitos de Memória e Memória histórica, como Jacques Le Golf, Halbachws, Michael Pollack, Pierre Nora, Luis Palacin, Gomide, Eliezer, Brandão e Chaul.

O trabalho de conclusão de curso se estruturará em três capítulos, apresentando-se no primeiro uma breve análise da história de Goiás (lugar do indígena e do negro africano). No segundo capítulo se abordará o tombamento da Cidade de Goiás

(relevando os dados do Iphan); pois, além de descrever as representações dos indígenas e dos negros no projeto do patrimônio histórico da Cidade de Goiás, também expõe os lugares de memória (conceito) previamente e intencionalmente escolhidos. E, por fim, o terceiro capítulo caracterizará os indígenas e os negros através dos “não” lugares de memória, tanto em Goiás quanto em Pirenópolis.

REFERÊNCIAS

CHAUL, N. F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 2 ed., Goiânia: E. UFG. 2001.

GOMIDE, Cristina Helou. *Centralismo Político e Tradição Histórica: Cidade de Goiás (1930-1978)*. Goiânia, 1999.

PALACIN, Luis. *A ausência do índio na memória goiana*. Revista do Instituto de Ciências Humanas e Letras. Editora UFG, 1992.

IPHAN, Portal. Disponível em: portaliphan.gov.br. Acesso em: 18 de julho de 2016.